

## RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE *O FILÓSOFO, A ENFERMEIRA* E *O TRAPACEIRO*, DE MAX VELATI

Intertextual relations between literature and history in the novel *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro* by Max Velati

Vitor Fernando Perilo Vitoy<sup>1, 2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-8418-2846> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.  
74690-900 – ppgll.letras@ufg.br

<sup>2</sup>Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO,  
Brasil. 74175-120 – efph@pucgoias.edu.br

**Resumo:** O romance histórico contemporâneo é um gênero literário que combina eventos reais do passado com a liberdade inventiva do autor, levando os leitores a vivenciar intrigas, crimes, batalhas e mistérios. Consolidado no século XIX, desempenha um papel importante na construção da nacionalidade e identidade dos países, incorporando veracidade e criação literária para reconstruir acontecimentos e costumes de uma época específica. A fronteira entre ficção e história é tênue e faz com que a linguagem crie ordem e reinvente episódios e protagonistas históricos. O romance *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro* é um exemplo que mescla dados éticos, filosóficos, históricos e psicológicos, permitindo que o público leitor se conecte com personagens e suas vivências na sociedade imperial brasileira. A hibridização, utilizada no romance de Max Velati é uma tendência crescente na literatura contemporânea e combina elementos de diferentes gêneros literários, como fantasia, mistério, romance de época, entre outros, permitindo que múltiplas abordagens narrativas, estilos e temáticas, sejam explorados ao mesmo tempo em que o contexto histórico é preservado como pano de fundo. A hibridização existente na trama possibilita reflexões sobre temas atuais, utilizando o cenário histórico como uma lente para analisar e discutir asserções relevantes, trazendo-as para a narrativa. Partindo dessas premissas, salientamos que nosso intuito com essa análise até então original no meio acadêmico não é outra senão a de levantar discussões, com base em perspectivas críticas e literárias, a partir de pesquisas em fontes digitais e físicas relacionadas ao gênero do romance histórico e à combinação de outros estilos textuais que o circundam.

**Palavras-chave:** Romance histórico; Ficção; História; Memória; Hibridismo.

**Abstract:** The contemporary historical novel is a literary genre that combines real events from the past with the author's imaginative freedom, leading readers to experience intrigues, crimes, battles, and mysteries. Established in the 19th century, it plays an important role in the construction of a nation's identity and nationality, incorporating truthfulness and literary creation to reconstruct events and customs of a specific time. The boundary between fiction and history is delicate and causes language to create order and reinvent historical episodes and protagonists. The novel *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro* is an example that blends ethical, philosophical, historical, and psychological data, allowing the reading audience to connect with characters and their experiences

in Brazilian imperial society. Hybridization, used in Max Velati's novel, is a growing trend in contemporary literature, combining elements from different literary genres such as fantasy, mystery, historical romance, among others, allowing multiple narrative approaches, styles, and themes to be explored while preserving the historical context as a backdrop. The hybridization present in the plot enables reflections on current topics, using the historical setting as a lens to analyze and discuss relevant assertions, bringing them into the narrative. Based on these premises, we emphasize that our intention with this analysis, which is previously unpublished in the academic field, is nothing other than to raise discussions based on critical and literary perspectives, drawing from research in digital and physical sources related to the historical novel genre and the combination of other textual styles that surround it.

**Keywords:** Historical novel; Fiction; History; Memory; Hybridism.

## Considerações iniciais

Nos refúgios da história, onde a poeira do passado se entrelaça com as páginas amareladas do tempo, manifesta-se um gênero literário capaz de nos transportar para épocas outras, fazendo com que vivenciemos intrigas, crimes, batalhas, mistérios etc. Este é o lugar que ocupa o romance histórico, um estilo bastante popular empregado ao longo dos anos para contar estórias, combinando análises de eventos reais do passado com a liberdade inventiva do autor.

Estabelecido há dois séculos, esse gênero desempenha papel de destaque na nacionalidade e identidade dos povos, misturando veracidade e criação literária, com a finalidade reconstruir acontecimentos e costumes de sujeitos que acabaram adentrando o universo literário. A fronteira das produções onde a ficção e a história se encontram é um ambiente fértil compartilhado por ambos - discursos tecidos pelas mãos humanas. Assim sendo, tanto a literatura de ficção quanto a própria história emergem das entradas da linguagem e se solidificam como construções simbólicas que, por natureza, conferem ordem e transformam-se em formas concretas que reinventam episódios protagonistas, além daqueles que deram vida ou possibilitaram sua existência. Para Sandra Pesavento (1998),

[...] história e literatura apresentam caminhos diversos, mas convergentes, na construção de uma identidade, uma vez que se apresentam como representações do mundo social ou como práticas discursivas significativas que atuam com métodos e fins diferentes (Pesavento, 1998, p. 20).

O *Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro*, de Max Velati (2020), é um exemplo de trama contemporânea que mantém uma consciência crítica, mesclando elementos éticos, filosóficos, históricos e psicológicos, oferecendo ao leitor um enredo que se desenvolve com base nas memórias do narrador, concebido em primeira pessoa. Mediante uma concepção minuciosa dos personagens que dão nome ao livro: o filósofo (Isoba), a enfermeira (Agnes) e o trapaceiro (César Marcondes), é possível notar a habilidade e notoriedade do autor em permitir que nos conectemos com as vivências, dilemas pessoais, além de assimilar a forma com que os três se relacionam.

O mérito da obra de Velati (2020) se dá no fato de ela nos transportar por uma jornada que abarca as profundas raízes da elite na sociedade imperial brasileira, revelando



suas composições e ambições ascendentes. Além disso, somos conduzidos pelas trilhas tortuosas e inspiradoras do autor a fim de repensar as questões abolicionistas no Brasil, para enfim aderir à luta implacável pela justiça, igualdade e liberdade.

Partindo das premissas enumeradas acima e de outras que poderão se aglutinar ao longo deste artigo que ora se apresenta, serão examinadas as habilidades de descrição e a profusão de elementos que perpassam as linhas traçadas pelo criador. É necessário situar também a referida produção dentro da conjuntura romanesca contemporânea, examinando suas influências e contribuições para a compreensão mais ampla da alma humana, questionando os limites da moralidade, a natureza da verdade e a heterogeneidade das interações sociais.

### **A re(invenção) do passado no romance histórico contemporâneo**

o 'romance histórico' - continuemos a chamar-lhe assim - não é outra coisa que uma constante interrogação dos tempos passados, em nome dos problemas, das curiosidades, e também das inquietações e angústias com que nos rodeia e cerca o tempo presente... Sendo assim, História e Ficção seriam expressões da mesma inquietação dos seres humanos, os quais, como múltiplo Janos bifronte, voltados a uma e outra, e do mesmo modo que tentam desvendar o oculto rosto do futuro, teimam em procurar, na impalpável névoa do tempo, um passado que constantemente se lhes escapa e que hoje, talvez mais do que nunca, quereriam integrar no presente que ainda são. (Saramago, 2000, p. 17).

A história, em sua busca pela verdade, encontra na literatura um espelho capaz de refletir os fragmentos da vida e transformá-los em expressões notáveis e cheias de sentido. Por sua vez, a arte literária impulsionada pela fecunda imaginação revela múltiplos segredos e verdades, acolhendo as inúmeras nuances das experiências humanas. É cada vez mais desafiador estabelecer limites claros entre o que possa ser considerado discurso ficcional e histórico, pois esses são dois métodos narrativos que estão constantemente interligados, visto que o primeiro por diversas vezes parte do segundo com o intuito de rediscutir, ficcionalmente, o passado. Linda Hutcheon (1991) em *Poética do pós-modernismo* nos detalha essa relação ao mostrar que

Naturalmente, a história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis. [...] Não surpreende que tenha havido coincidências de preocupações e até influências recíprocas entre os dois gêneros. No século XVII, o núcleo desses pontos em comum em termos de preocupação inclinava-se a ser a relação entre a ética (não factualidade) e a verdade na narrativa (Hutcheon, 1991, p. 143).

O romance histórico tem suas raízes nos textos épicos e mitológicos, que frequentemente retratavam figuras históricas e eventos lendários, porém, foi durante o século XIX que se consolidou como uma forma literária reconhecida no mundo. Após o sucesso do romancista Walter Scott (1771-1832) com *Ivanhoé*, de 1819, conforme (Baumgarten, 2000, p. 169), outros escritores como Alexandre Dumas (1802-1870), Victor

Hugo (1802-1885) e Lev Nikolaevitch Tolstoi (1828-1910), abraçaram esse gênero como uma pujante forma de escrita que acabou seduzindo o público e deixando um legado importante para a literatura mundial.

Essa modalidade textual transcende o mero entretenimento, pois desempenha um papel fundamental na compreensão e interpretação do passado. Embora seja ficcional, o gênero em questão oferece aos leitores uma visão mais profunda das ocorrências históricas, apresentando as motivações e as emoções dos personagens. Segundo Carlos Alexandre Baumgarten em *O novo romance histórico brasileiro*, “[...] os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspecto que torna a História incontestável.” (Baumgarten, 2000, p. 170).

Tendo esses pressupostos em mente, os produtores têm por hábito pesquisar extensivamente o período em que o enredo é ambientado, incorporando elementos autênticos de uma época específica, como cenários e costumes, a fim de fornecer um tom realístico para suas narrativas e destacar as mais diversas feições do cotidiano. Ressaltamos ainda, que os eventos políticos e sociais são frequentemente explorados e de igual forma, os conflitos, guerras, revoluções e mudanças sociais, na ânsia de trazer equilíbrio entre a ficção e realidade históricas. Para Benedito Nunes (1988), em *Narrativa histórica e narrativa ficcional*,

As diferenças entre narrativa histórica e ficcional sobressaem em contraste com o velho parentesco que as une ao mito Medievo a História não deixa de ser história (story), como crônica de fatos que também podiam ser feitos legendários. (...) A História-arte é sobretudo uma narrativa de acontecimentos, que os recria como se fossem presentes. Fazendo do historiador ‘um contemporâneo sintético e fictício’ do que ocorreu, fornece-nos imagens do passado, recuperando, tornando visível. Ela não se exime, portanto, do esforço da imaginação projetiva, que acusa a vivência particular do historiador, parente próximo do artista (Nunes, 1988, p. 10).

Nos dos romances históricos contemporâneos, essa atenção aos detalhes do passado cria uma autenticidade que enriquece a experiência do leitor, levando-o a mergulhar profundamente no mundo retratado. Para Carlos Mata (1995), em *La Novela Histórica*:

el saber histórico amplía y enriquece el conocimiento acerca de los hombres y sirve de complemento a la propia experiencia personal. Merced a la historia, el hombre puede recibir las enseñanzas del pasado, la experiencia acumulada por las generaciones precedentes (los viejos tópicos: historia, magistra vitae; historia per exempla docet, no por viejos dejan de tener validez), al tiempo que toma conciencia de su temporalidad al conocer la caducidad de otras épocas. Cuanto mejor conozcamos nuestro pasado, mejor entenderemos nuestro presente; y cuanto mejor comprendamos nuestro presente, en mejores condiciones estaremos para afrontar



felizmente nuestro futuro. (Mata, 1995, p. 37)<sup>1</sup>.

O livro de Max Velati (2020), cujo enredo se desenrola durante o Brasil Império, no interior de Minas Gerais, é um notório exemplo de romance histórico contemporâneo. Contado com base nas memórias de um trapaceiro nascido na aristocracia rural, a trama nos revela a interação entre três personagens distintos que se veem imersos em uma investigação perigosa, permeada por segredos e crimes, ao passo que revela referências ao período do Brasil Império. Por meio da abordagem de temas como a escravidão, as disputas pelo poder e o surgimento das oligarquias, a obra retrata de maneira vívida essa época marcada por transformações significativas. Desta maneira, o romance histórico procura narrar a confluência de espaço e tempo ao contar histórias sobre "external borders", onde opositos ou inimigos colidem, e "internal borders" como locais de traição e rebelião (Moretti, 1998, p. 35-6)<sup>2</sup>

César Marcondes é um indivíduo conhecido por sua esperteza e astúcia, que no decorrer de todo o enredo vai se destacando pela maneira ardilosa com que manipula situações e pessoas para alcançar seus objetivos pessoais. Ao rememorar ações do início da adolescência, já demonstra uma inteligência aguçada e uma perspicácia singular, conseguindo analisar rapidamente as circunstâncias e identificar as oportunidades que se apresentam a ele. Essa é uma capacidade de avaliar a situação em que se encontra permite que ele tome decisões estratégicas que o beneficiam.

Eu tinha 11 anos quando numa tarde quente de outubro decidi ser na vida um canalha. Foi uma espécie de revelação. Ganhei um bom dinheiro num jogo de cartas e esse triunfo matou em mim o garoto obediente de colarinho engomado e botinhas engraxadas e colocou em seu lugar um vigarista sem remorsos. Raspando as mãos em concha o dinheiro, comecei ali a jornada que fez de mim exatamente o que eu queria ser (Velati, 2020, p. 7).

Certo tempo depois, Marcondes foi mandado para Paris a fim de estudar, satisfazendo o desejo do pai, porém foi expulso do internato aos 17 anos pelos professores, que consideravam seu "estilo de vida intolerável". Chegou ainda a ser matriculado em Londres, porém, não prosseguiu com os estudos, priorizando a vida de artimanhas e de jogos, como estava acostumado. Por todos os delitos cometidos, julgou que viria a ser preso, o que realmente ocorreu.

Descobri da pior maneira a principal diferença entre as leis inglesas e brasileiras. No Brasil, as leis protegem a vida mais do que a propriedade, enquanto na Inglaterra é o oposto. Cinco libras de multa por quebrar um nariz e talvez uma semana de prisão, mas não ouse roubar um único alfinete

<sup>1</sup> O saber histórico amplia e enriquece o conhecimento acerca dos homens, e serve de complemento à própria experiência pessoal. À mercê da história, o homem pode receber os ensinamentos do passado, a experiência acumulada pelas gerações precedentes [...], ao tempo que toma consciência de sua temporalidade ao conhecer a expiração de outras épocas. Quanto melhor conhecemos nosso passado, melhor entenderemos nosso presente, e quanto melhor compreendemos nosso presente, em melhores condições afrontaremos felizmente nosso futuro (Mata, 1995, p. 37, tradução nossa)

<sup>2</sup> Fronteiras externas e fronteiras internas. (Moretti, 1998, p. 35-6, tradução nossa)

de gravata ou sentirá todo o peso da justiça e de sua majestade. As acusações sobre mim eram graves e as provas inquestionáveis. Os depoimentos arrancados do comissário e a confissão do artista alemão selaram minha sorte. [...] A questão toda acabou resumida no fato de que eu estava roubando a Inglaterra e, no desdobramento dessa lógica, roubando o mundo civilizado. Pela força desse argumento, esperei com resignação a pena de morte, por enforcamento, mas fui condenado a seis anos de trabalhos forçados no presídio de Dartmoor, na Cornualha (Velati, 2020, p. 17).

O protagonista foi aprisionado na penitenciária de Cornualha, localizada em um condado no sudeste de uma península na Inglaterra, no entanto, foi informado de que poderia ser transferido para a penitenciária de Pentoville, localizada na Austrália. Essa previsão acabou se confirmando, resultando em uma nova sentença de 18 meses de prisão. Segundo seus relatos, a liberdade que tanto almejava só aconteceu em 19 de outubro de 1844, e mais de um mês depois, desembarca no Brasil.

Uma das principais funções dos relatos memorialísticos no romance histórico é “este interesse pela arte e pelo conhecimento do passado” (Hutcheon, 1985, p. 15), mostrando como eles afetam as vidas dos personagens e como essas práticas individuais se encaixam no contexto mais amplo da história. Ao apresentar perspectivas pessoais, Max Velati (2020) pode explorar o impacto emocional e psicológico dos acontecimentos históricos sobre seus personagens, tornando-os mais realistas. Torna-se pertinente frisar ainda, que esses relatos fornecem uma plataforma para a voz dos personagens historicamente marginalizados ou esquecidos. Essas narrativas pessoais podem destacar experiências individuais de grupos étnicos, mulheres, minorias sociais ou qualquer outro grupo que tenha sido negligenciado nos registros históricos dominantes. Para Regina Dalcagnè,

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso (Dalcagnè, 2011, p. 87).

Ao trazer à tona essas histórias, o romance histórico contemporâneo tenta corrigir falhas e limitações das narrativas tradicionais, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e abrangente do passado, como veremos mais adiante a respeito da trajetória de Isoba e Agnes. A revelação de seus conflitos internos, dilemas morais e questionamentos sobre a veracidade dos fatos enriquecem assim a trama e a compreensão geral do período histórico retratado. O narrador se comporta como “o enunciador do discurso”, isto é, “ao mesmo tempo participante do processo enunciado, em que o protagonista do enunciado é o mesmo protagonista da enunciação”, como é descrito em *O discurso da história* (Barthes, 2004, p. 169).

A voz atribuída ao narrador oitocentista não nos transmite apenas “uma experiência autobiográfica”, como nos lembra Walter Benjamin em “O narrador” (Benjamin, 1987, p. 197-221), mas se concentra em detalhar também as de outros personagens aos quais

aparecerão ao longo de todo o texto. O protagonista, que vai crescendo no decurso do enredo, ensina suas técnicas e vivências, mas também aprende com outras pessoas que cruzam seu caminho. Podemos dizer que é não só uma narrativa memorial marcada por figuras anti-heroicas, degeneradas e imperfeitas, com vícios e virtudes, mas de regeneração, de reparação ao modo de cada um, até então porque “O enunciado histórico, assim como o enunciado frásico comporta “existentes” e “ocorrentes”, seres, entidades e seus predicados” (Barthes, 2004, p. 171).

### **Caminhos Cruzados: O “Diálogo Sutil” entre Narrador e Leitor**

A desenvoltura de Max Velati (2020) se torna ainda mais interessante ao promover um contato mais próximo entre o leitor e o narrador. Como sabemos, o ato de escrever tem como meta transmitir uma mensagem a alguém, é uma necessidade imperativa. Em contrapartida, o leitor não se situa como um mero espectador passivo, mas sim como um participante ativo na construção do significado da narrativa. Através de suas habilidades, conhecimentos prévios e perspectivas individuais, desempenha um papel crucial na interpretação da história, procurando preencher, com base em sua própria compreensão e experiência, as lacunas e ambiguidades deixadas pelo autor. Segundo Marisa Lajolo, esse exercício é uma “possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere” (Lajolo, 1996, p. 28).

Em vez de fornecer todas as respostas, o autor pode apresentar várias camadas de interpretação, deixando espaço para o leitor explorar diferentes perspectivas e tirar suas próprias conclusões, se envolvendo ativamente com o texto, fazendo inferências e contribuindo assim para a criação do sentido da obra. O filósofo e escritor Umberto Eco (2003) nos relata que: “Só se escreve para um leitor. Quem diz que escreve apenas para si mesmo não é que minta. É assustadoramente ateu. Até mesmo de um ponto de vista rigorosamente laico. Infeliz e despreparado aquele que não sabe se dirigir a um leitor futuro (Eco, 2003, p. 304-305).

O autor de romances históricos tece suas palavras com habilidade, criando uma teia literária destinada a um leitor que se entrega à obra com anseio. Tanto o primeiro elemento quanto o segundo não podem ser vistos apenas como “coadjuvantes” dentro do enredo, mas como seres interrelacionados e moldados pelas marcas culturais deixadas por um momento histórico específico. É um universo de conexões onde as fronteiras se dissolvem e a magia da leitura transcende as barreiras físicas da circulação e recepção da obra. Dizemos, nesse sentido, que é o pacto firmado pelos fios tecidos pelo contador de histórias que, habilmente, almeja guiar o destinatário da narrativa a uma interpretação que lhe seja favorável, a imersão completa em seu texto desde o despertar do interesse do leitor, como nos descreve Diana Luz Pessoa de Barros (2005), em *Teorias do discurso*:

o sujeito da enunciação faz uma série de opções para projetar o discurso, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir. Estudar as projeções da enunciação é, por conseguinte, verificar quais são os

procedimentos utilizados para constituir o discurso e quais os efeitos de sentido fabricados pelos mecanismos escolhidos (Barros, 2005, p. 54).

Em relação ao leitor, este pode, ainda, refletir sobre o impacto emocional, social, político ou mesmo cultural da história e questionar se ela cumpre seu propósito. Isso pode levar a discussões mais amplas sobre o papel da literatura na sociedade e o poder das narrativas para influenciar as pessoas e moldar a visão de mundo. É ele que segundo Umberto Eco (2004) “atualiza” o texto, que por si só é incompleto (Eco, 2004, p. 35).

Ao estabelecer o primeiro acordo - a criação de uma trama fictícia envolvente – a voz narrativa de *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro* reconhece a importância de semear expectativas no receptor, no entanto, deixa claro que não é do tipo que elabora divagações meramente para conquistar sua fidelidade. Abre-se diante de nossos olhos o convite de um enunciador que clama por um “narratário”, um ser que se torna guia nessa jornada intricada. Este é um atributo muito conhecido nos romances escritos por Machado de Assis (1839-1908). “O que estou prestes a contar é terrivelmente doloroso. Queria oferecer a você, meu caro leitor, os detalhes que dão cor e sentido a uma história, mas este porão da memória, além de dor, está vazio e esta parte da história não faz sentido.” (Velati, 2020, p. 39).

Deste modo, o narrador estende um convite ao leitor, instigando-o a adentrar as cenas e conhecer os personagens deste mundo literário. Sua intenção é envolver, despertar e alimentar o interesse pela trama que se desenrola, uma inquietação em criar uma ligação íntima entre a ficção e a realidade histórica.

É preciso ter em mente que aquele que lê não é uma entidade solitária, mas um ente que pode transcender sua existência inicial e transformar-se em um narratário, um coautor da história, adquirindo novas habilidades e perspectivas. Assim, ele tem a capacidade de desvendar os significados propostos, navegando entre eles com destreza, além de desenvolver novas competências, se tornando um participante ativo na construção dos significados revelados.

Por ser intrinsecamente social, o ser humano encontra-se enredado nas tramas arquitetadas por esse narrador, assim, nenhuma máscara é capaz de ocultar a essência dos protagonistas, pois seus segredos são revelados ao público atento, que caminha ao seu lado na construção dos sentidos do texto. Na visão de Wolfgang Iser (1999), é um processo de interação, até então porque quem lê, ocupa “os lugares vazios de um sistema”, que “não podem ser ocupados pelo próprio sistema” (Iser, 1999, p. 107).

Quando um autor opta por contar uma história através da perspectiva de um narrador interno, ele nos convida a entrar no mundo de um protagonista, compartilhando suas experiências, pensamentos e emoções de maneira mais próxima. No caso de Velati (2020), a trama vai se desenvolvendo e criando um vínculo imediato entre leitor e narrador, uma vez que os fatos são apresentados de forma pessoal e subjetiva. Em vista disso, ousamos dizer que o primeiro elemento se torna “cúmplice” das alegrias, tristezas, dúvidas e desejos mais profundos do segundo, gerando um envolvimento emocional com o enredo. György

Lukács (2011) em seu livro *O romance histórico* externa um parecer que converge para nossa discussão ao orientar que:

O que importa é que o leitor atual se aproxime de um tempo passado. É lei geral da arte narrativa que isso ocorra a partir de episódios apresentados de maneira plástica, que a compreensão e a aproximação do ser das personagens, das condições sociais e naturais, dos costumes etc., sejam o caminho pelo qual a psicologia dos homens de tempos remotos se torne compreensível para nós (Lukács, 2011, p. 240).

No entanto, não é possível desconsiderar que a perspectiva em primeira pessoa também pode ser limitada, isto porque o leitor está restrito ao que o narrador escolhe revelar, sendo influenciado por sua visão de mundo e percepções individuais, resultando em uma narrativa parcial, onde a verdade é filtrada através da percepção de quem conta. Essa limitação pode ser usada de forma deliberada ou não pelos autores para criar suspense, mistério ou mesmo desconforto, mantendo o leitor em constante atenção, questionamento e especulação. Na prática, “o “sentido da vida” é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Mas essa questão não é outra coisa que a expressão da perplexidade do leitor quando mergulha de descrição da vida.” (Benjamin, 1987, p. 212).

O personagem César já abdicou da própria essência, mergulhado em sua condição de vilão desleal e abjeto, um trapaceiro que na juventude percorreu os recantos da Europa, desbravando todo tipo de caminho sinuoso, até ser forçado a retornar clandestinamente ao Brasil em 1844, com 23 anos. Ao chegar em sua terra natal, sentiu-se compelido pelo pai a não jogar, inclusive porque só passaria a receber “a quantia mínima para o sustento e, mesmo que estivesse com os bolsos cheios, não me arriscaria”, afirma. Contudo, trocou um vício por outro, a partir do momento que ficou conhecendo o bordel de Madame Dália, local que passou a frequentar com certa constância. “A inauguração de um templo dos prazeres em uma cidade que se orgulha de suas virtudes católicas é sempre uma celebração carregada de culpa e prazer em partes iguais.” (Velati, 2020, p. 28-29).

O envolvimento emocional com Madame Dália e posteriormente o incêndio ocorrido no bordel ocorrem no final do segundo capítulo, período que seu pai havia falecido. Este é um primeiro momento determinante na trama, que revela a fragilidade do narrador que já não tem mais interesse pela vida, porém precisa lidar com os assuntos burocráticos ligados aos negócios e à família. Além de tudo isso, dá-se, por parte de Marcondes, o grande interesse em desvendar o crime sucedido na cidade, como é possível constatar em trecho extraído:

Depois de seguir cada indício, cada boato e cada pista, por menos promissora que fosse, o que consegui apurar é que o incêndio começara mesmo no estábulo e o cavalariço havia sido a primeira vítima. Dália havia morrido tentando salvar duas meninas trancadas no andar de cima, já praticamente tomado pelas chamas (Velati, 2020, p. 42-43).

Já na fase adulta, César Marcondes conhece duas figuras importantes, que

determinarão todo o restante do enredo, que são Isoba, um escravo e intelectual, verdadeira encarnação do saber, e Agnes, uma enfermeira austríaca que traz consigo as cicatrizes profundas das adversidades que a vida lhe impôs. Ao longo do livro, essa interação resultará em diálogos profundos e reflexões filosóficas sobre a natureza da existência, a moralidade e o sentido da vida, por intermédio de histórias que se entrelaçam em uma trama intricada, cheia de reviravoltas e revelações surpreendentes, principalmente porque os personagens destoam das características mais conhecidas dos romances tradicionais. É, como nos explica Theodor Adorno, a respeito da posição do narrador no romance contemporâneo: “A reificação de todas as relações entre os indivíduos que transforma suas qualidades humanas em lubrificantes para o andamento macio da maquinária” (Adorno, 2003, p. 57).

Isoba, por exemplo, é um africano que foi capturado e trazido para o Brasil. Considerado homem forte, corajoso, inteligente e sábio, usa seus conhecimentos para ajudar os outros, não tendo medo de lutar por aquilo em que acredita. É um escravo, mas não simplesmente uma vítima, já que se torna um símbolo de esperança e resistência ao superar todas as adversidades. Sua ajuda é de enorme valia para César Marcondes, principalmente no sentido de orientá-lo nas muitas demandas que precisa enfrentar. Agnes, por sua vez, é uma enfermeira forte e independente, que se muda para o Brasil a fim de ajudar os escravos doentes. Complexa e bem desenvolvida, está determinada em fazer a diferença no mundo, com sua luta, gentileza e compassividade. Ela também pode ser vista como símbolo de esperança e de mudanças não só na vida do narrador, mas de outros moradores da cidade, como veremos adiante.

### **A hibridação como técnica narrativa de Max Velati**

Conforme evidenciado no início deste estudo, os romances históricos manifestam-se como uma forma literária que habilmente entrelaça os fios da ficção e da não-ficção, engendrando personagens e eventos reais em um tecido que se tece com elementos de fantasia e aventura. Essa amalgamação propicia uma fusão textual que se destaca, sobretudo, pela mescla de estilos e vozes em uma única obra, facultando ao leitor a exploração de múltiplas perspectivas narrativas.

Na obra *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro* é possível perceber que a ambientação da estória vai além da descrição dos personagens e espaços, a fim de percorrer minúcias que revelam características mais profundas. Além de haver uma narrativa memorialística, como já foi mencionado, o autor procurou entrecruzar as peculiaridades de cada uma das três figuras elencando suas identidades próprias.

Em maior ou menor grau, o texto não deixa de conter atributos voltados às aventuras, que podem ser provadas, inclusive, pela própria memória do narrador que transita pelos diferentes espaços, dentre eles a região de Minas Gerais onde vive, depois a Europa e a Austrália, onde ficou preso por último. É por meio dessa organização narrativa que César Marcondes evoca todo seu passado, assinalando até mesmo suas características

psicológicas, como se vê no trecho abaixo:

Por décadas havia concordado e até trabalhado diligentemente para que todos aqueles absurdos fossem praticados. Nos porões do Progresso, meu pai trazia de longe centenas de pobres almas para que sofressem aqui todo tipo de abuso. Meu sangue esteve sempre ligado a todo sangue derramado em nome da ambição de meu pai, do meu avô e do meu bisavô. O papel cuidadosamente dobrado, guardado no bolso onde antes eu levava as minhas economias, não era apenas a garantia formal da liberdade de Isoba, mas também o registro carimbado da minha vergonha (Velati, 2020, p. 68).

Outra categoria de hibridização que aparece no livro de Velati é o romance histórico de mistério, em que a trama se desenvolve em um contexto com todos os detalhes precisos de determinada época, mas também apresenta um enigma ou crime que precisa ser resolvido, no caso específico, o incêndio no bordel. O autor acabou criando um detetive fictício: o próprio narrador, que se envolveu na investigação durante todo o enredo. Essa mistura de elementos históricos e de mistério nos proporciona uma imersão ainda maior na trama, combinando um interesse pelo dado histórico com suspense e intriga, outrossim, sinaliza para a construção de uma narrativa rica em detalhes, ao mesmo tempo em que permite a liberdade artística para preencher as lacunas da história com elementos ficcionais. Para Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo:

La hibridación tiene el efecto de disolver los límites entre el discurso del autor y el discurso representado; como rasgo estilístico, corresponde a estilos de apariencia homogénea, donde la contradicción entre discursos encontrados (tanto desde el punto de vista ideológico como formal o, mejor dicho, opuestos formalmente porque lo están ideológicamente) es dominada por su unificación relativa en el interior del enunciado. (Altamirano; Sarlo, 2001, p. 69)<sup>3</sup>.

A hibridização nos romances históricos contemporâneos perpassa as fronteiras entre o real e o imaginário, uma vez que os autores não são isentos e não se limitam a recriar fielmente eventos e personagens do passado, mas também inserem elementos ficcionais, como personagens e reviravoltas. É essa mistura entre o fato e a imaginação que amplia as possibilidades narrativas, cativando o leitor, que é levado a refletir sobre o passado de uma forma nova e estimulante. Além disso, esse fenômeno nos permite explorar questões atuais por meio de ações ocorridas, isto porque os autores utilizam o contexto histórico como pano de fundo para discutir temas relevantes, como política, identidade, preconceitos e poder. Ao inserir esses personagens, cria-se um diálogo entre diferentes períodos a fim de nos fazer ponderar sobre como o passado pode influenciar o presente. Para Mikhail Bakhtin em *Questões de literatura e estética*, especificamente no capítulo “A pessoa que

<sup>3</sup> A hibridização tem o efeito de dissolver os limites entre o discurso do autor e o discurso representado; como característica estilística, corresponde a estilos de aparência homogênea, onde a contradição entre discursos encontrados (tanto do ponto de vista ideológico quanto formal, ou melhor, opostos formalmente porque estão ideologicamente) é dominada pela sua unificação relativa dentro da enunciação. (Altamirano; Sarlo, 2001, p. 69, tradução nossa)

fala no romance", que "O Objeto da hibridização intencional do romance é *uma representação literária da linguagem*" (Bakhtin, 2002, p. 162).

Outro aspecto relevante da hibridização nos romances históricos, contemporâneos, incluindo aqui o de Max Velati (2020), é a desconstrução de estereótipos. Muitas dessas obras questionam as narrativas dominantes e apresentam perspectivas alternativas sobre determinados eventos ocorridos, por intermédio de personagens marginalizados ou esquecidos pela história oficial, como o Caso de Isoba, ou mesmo de Madame Dália ou da enfermeira Agnes, com histórias que passam a ser resgatadas e valorizadas. Isso contribui para uma visão mais plural e inclusiva do passado, desconstruindo narrativas simplistas e ampliando nossa compreensão sobre a complexidade da história, como se vê em trecho do capítulo quatro da obra analisada.

Graças aos meus novos hábitos e com a orientação de Isoba, a fazenda começava a prosperar e foi bem a tempo. (...) Isoba começou cedo um treinamento bastante exigente. O objetivo era torná-lo capaz de um raciocínio 'tão puro quanto a água da montanha, tão afiado quanto uma navalha'. Precisaria aprender a controlar os gritos da carne, dominar a fome, não ter sede e não sentir frio (Velati, 2020, p. 60-61).

O protagonismo dos personagens negros nesses romances é um tema relevante que tem ganhado cada vez mais destaque na literatura atual, pois visam resgatar e dar voz às vivências dos excluídos ao longo do tempo, muitas vezes em períodos em que sua presença e contribuição foram marginalizadas ou apagadas. É toda uma revisão da história que por muitos anos negligenciou, por muitos anos, essas contribuições e realizações, além de ser uma perspectiva mais inclusiva e representativa da narrativa histórica no sentido de desconstruir estereótipos e ampliar a visibilidade de diversas experiências sociais.

O racismo é a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica. Embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas - não há imunidade genética nesses casos - não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social (Shohat; Stam, 2006, p. 51).

De acordo com as perspectivas de Mikhail Bakhtin (1997) em *O Romance histórico*, a análise de um gênero deve sempre considerar seu contexto social, já que é impossível compreendê-lo plenamente isolado de sua relação com a sociedade, uma vez que ele é intrinsecamente influenciado pelo dinamismo da vida em comunidade. O estudioso reconhece que os gêneros não são entidades estáticas, mas sim vivas, em constante transformação e adaptação e que não surgem no vácuo, mas são produtos da interação social e cultural entre os indivíduos. Ao compreender essas motivações por trás da criação dos textos, o filósofo destacou a preponderância das funções da produção e recepção dos gêneros, observando as influências das relações de poder pelas vozes dominantes sobre os dominados.

A vivência deve retirar-se ao passado absoluto, ao *passado do sentido*, sem nada perder do contexto de sentido ao qual era intimamente imbricada e no qual era pensada. Somente com essa condição será possível insuflar a duração à vivência de uma tensão interna, fazer dela um conteúdo quase perceptível à contemplação, fazer com que o caminho do ato possa ser transscrito, determinado, amorosamente condensado e medido pelo *ritmo*; ora, tudo isso só sucede graças à atividade de outra alma, no contexto englobante de seus próprios valores – finalidades (Bakhtin, 1997, p. 132).

Por fim, e não menos relevante, cabe aludir que Max Velati (2020) utiliza ainda o gênero epistolar em sua obra, valendo-se de duas cartas enviadas pela enfermeira Agnes ao narrador. Nesta ótica, o autor faz uma escolha pertinente ao incluir tais correspondências como elementos intrínsecos ao contexto, conferindo-lhe uma autenticidade histórica e proporcionando ao leitor uma perspectiva íntima da personagem, como é possível identificar no trecho que segue:

Tenho sobre a mesa uma pasta de papelão com 36 páginas redigidas numa letra miúda pelo Professor Rosas. A meu pedido, o professor traduziu para o português o emocionante relato de Agnes Koubek e, apesar da minha insistência, não quis cobrar pelo trabalho. Disse que foi um privilégio realizar a tarefa e, depois de ler, entendi o que ele queria dizer. Se antes eu estava motivado pelo desejo de fazer justiça ao amigo Isoba, agora acrescento a este trabalho a necessidade de revelar também ao caro leitor a longa jornada de 'mulher de conhecimento' de Agnes Koubek (Velati, 2020, p. 84).

É por meio dessas missivas que Agnes se faz conhecer, ao expor suas ações, eventos marcantes, memórias inesquecíveis e reflexões profundas sobre sua própria existência, incluindo aqui seu nascimento. É preciso salientar a possibilidade de que a escritora dessas correspondências forneça *insights* sobre o contexto histórico em que a narrativa se passa, bem como sobre sua vida e as relações com os demais personagens aos quais se relaciona. A hibridização do gênero epistolar com o romance histórico permite que os autores explorem a subjetividade dos personagens de maneira mais intensa. Por meio dessas cartas, os leitores têm acesso direto aos pensamentos íntimos e emoções dos personagens, criando uma sensação de proximidade e empatia. Vejamos como esse procedimento é contemplado por Max Velati (2020) em carta enviada por Agnes a César Marcondes:

Nasci em Viena em 1818. Meu pai, quando não estava bebendo, fazia biscoitos recuperando ferramentas e máquinas quebradas na fábrica de panelas onde minha irmã Lise trabalhava. Minha mãe costurava para a vizinhança e cuidava de mim e das finanças, mantendo a família a salvo por pouco da miséria. Lise era alta, bonita e doce, mas não era muito esperta. Ficou grávida aos 16 anos depois de cair na conversa mais velha do mundo e no sorriso mais falso do mundo de um caixeiro-viajante (Velati, 2020, p. 84).

Em um segundo trecho da mesma carta, continua utilizando da mesma técnica para reforçar todo o processo de hibridização no romance:

Mesmo para uma enfermeira com anos de prática, um asilo de loucos é assustador. Ali todos os laços são rompidos, a amizade morre, o parentesco torna-se irreconhecível, a família acaba, a confiança é destruída e a vida é desordenada e intensa, com tudo exposto francamente numa forma dolorosa de nudez. À primeira vista, salta aos olhos a indiferença dos profissionais obrigados a lidar todos os dias com os sofrimentos gerados nos porões mais escuros da alma. Sei que hoje existem estudos mais profundos sobre a insanidade, mas naquela época a loucura era compreendida, se não houvesse lesão cerebral, como um desvio genético, uma desordem da sensibilidade, do entendimento, da inteligência e da vontade (Velati, 2020, p. 101).

Na literatura ficcional, as epístolas podem ser usadas como um dispositivo para desenvolver características sobre a rotina de personagens, avançando no avanço do enredo, permitindo que os leitores conheçam diferentes perspectivas e vozes dentro da estória, criando uma narrativa mais rica e complexa, como é demonstrado nos dois exemplos acima. O pouco que se sabe a respeito da vida e do passado de Agnes, se dá por meio da exposição dos relatos contidos nas duas correspondências enviadas, é a “escrita de si”, como revela Michel Foucault (2002) em sua obra “o que é um autor?” ao expor que a carta

constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca de sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física (Foucault, 2002, p. 149-150).

### **Entre perdas e encontros: O tecer do destino**

As inferências trazidas nesta última etapa deste estudo demonstram que ao romper as fronteiras dos gêneros, os autores podem desenvolver protagonistas e antagonistas com camadas emocionais mais profundas, tornando-os mais realistas e humanos. Esse aprofundamento se torna essencial para o envolvimento emocional dos leitores, pois permite que eles se conectem com as lutas e as jornadas dos personagens de uma forma mais íntima. O texto, conforme expõe Hans Robert Jauss (1994), é um resultado da interação com o leitor, que constrói significados durante a leitura, visto que a narrativa não se apresenta como algo estático ou definitivo, mas se torna acessível ao leitor e permanece aberto a diversas recepções e interpretações, é esse “horizonte de expectativas” entre os entes narrativos (Jauss, 1994, p. 26).

A inclusão de elementos de suspense, ação e emoção, é parte da intenção de Max Velati (2020) para criar uma dinâmica narrativa que mantém o desejo apreciativo desses romances por parte de uma audiência contemporânea acostumada com ritmos mais ágeis e enredos mais variados. Os três personagens principais – o filósofo, a enfermeira e o trapaceiro – são habilmente retratados despertando antipatia, empatia, interesse e até mesmo curiosidade. À medida que suas histórias se entrelaçam, um laço emocional se

forma, envolvendo os leitores com suas trajetórias de vida. A volta ao passado, realizada por César Marcondes, não deixa de ser uma tentativa de reexaminar os erros ou mesmo superar os traumas vividos na infância e adolescência. A jornada do personagem pode culminar em aceitar suas experiências passadas e encontrar uma maneira de seguir em frente, reconciliando-se com o que aconteceu e abandonando os arrependimentos, como se vê em um trecho nas últimas páginas do livro:

Hoje, avaliando tudo o que aconteceu fico me perguntando se há uma Ordem Divina, um plano traçado que une e costura tudo e todos, trama e urdidura do Destino interligando todas as causas a todos os efeitos. Se eu não tivesse perdido todos os meus bens, teria conhecido Isoba? Se não tivesse acertado a cara do Coronel com a minha bota teria conhecido Agnes? Se não tivesse ido ao bordel estaria a caminho da cidade a todo galope, ensopado até os ossos, tentando impedir algo que só Isoba parecia estar prevendo? Se não tivesse destruído a pinguela para escapar do capitão do mato, será que teríamos chegado a tempo? (Velati, 2020, p. 210).

Em decorrência do que foi exposto nos últimos parágrafos, torna-se importante relembrar os excertos de Wolfgang Iser (1999), ao suscitar que os textos, de modo geral, possuem uma estrutura de atração, que guia o leitor em direção à metamorfose de um elemento essencial da obra, o qual só pode ser apreendido como uma forma de interação. Por esta razão, é sensato pressupor que “o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (Iser, 1999, p. 105).

O que nos demonstra Iser (1999) é que há ideias e informações no texto, mas é o leitor que completa o sentido da obra através de suas experiências, conhecimentos prévios e emoções. É um “processo em andamento”, visto que o texto não é estático, como já foi mencionado anteriormente. É plausível relembrar ainda, que cada leitor traz suas perspectivas únicas para a leitura, tornando esta, uma experiência individual, que pode ser formada a partir do contexto cultural e histórico, que pode influenciar a maneira como a obra é interpretada.

Em última análise, cabe reconsiderar que o encontro entre o filósofo, a enfermeira e o trapaceiro, trazido durante o romance de Max Velati (2020), revela-se não apenas um entrelaçamento de histórias, mas uma metáfora sobre a imprevisibilidade da vida e as interações que moldam natureza humana. suscetíveis a falhas e virtudes. A relação entre história e ficção sempre foi permeável, com influências mútuas, e a narrativa contemporânea continua esse legado, permitindo uma rediscussão ficcional do passado. É por meio das práticas individuais dos personagens que o romance histórico contemporâneo humaniza os eventos passados, oferecendo uma visão mais profunda das ocorrências históricas, como fez, de modo notável, Max Velati (2020).

## Considerações finais

No percurso analítico da narrativa histórica de Max Velati (2020) é possível deparar-

se com personagens aparentemente desprovidos de heroísmo, com vidas marcadas por desgraças e imperfeições. É justamente através da superação de seus vícios e valores distorcidos que uma mensagem moralizante se revela no desenrolar dos eventos. Ao final, os protagonistas triunfam sobre o desespero, trilhando o caminho da virtude e descobrindo, em suas jornadas, um significado que parecia inalcançável. Os caminhos tortuosos não apenas ampliam a imaginação do cenário histórico em que a história se desenrola, mas também infunde à trama uma aura singular. Mesmo com elementos realistas, ou pelo menos em sintonia com a estética das narrativas do século XIX, essa combinação original cativa o leitor, tornando a obra repleta de fatores instigantes.

Pode-se apontar que a hibridização presente no romance explorado se revela uma fascinante forma de entretenimento que combina habilmente diversos gêneros. O autor sagazmente engendra uma trama repleta de suspense, ação e emoção, fazendo com que grande parte do público que, talvez, não se sentiria atraído por um romance histórico tradicional passe a se interessar, como foi discutido no decorrer deste trabalho.

Assim, de fato, a quebra das barreiras dos gêneros literários e a habilidade do autor em criar personagens complexos e envolventes, aliadas à interação ativa do leitor com o texto são fundamentais para a construção de narrativas ricas, capazes de emocionar, instigar e deixar uma marca duradoura naqueles que se aventuram em suas páginas. A literatura, assim, se mostra como uma poderosa ferramenta para a compreensão da condição humana, ao revelar nossas experiências compartilhadas e nos conectar em um universo de significados em constante evolução. Ao final da leitura, todos nós, leitores, somos brindados com uma sensação de enriquecimento intelectual e emocional, percebendo que a vida é um eterno emaranhado de relações complexas e significativas.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. **Literatura/Sociedad**. Buenos Aires: Libreria Edical, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. A pessoa que fala no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética** – A teoria do romance. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Hucitec – Anablume, 2002. p. 134-163.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O novo romance histórico brasileiro. **Via Atlântica**, v. 3, n. 1, p. 168-177, 2000.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, p. 87-110, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 4. ed. Trad. de António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Pontinha, Portugal: Vega, 2002.
- HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1985.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. de Johamnes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 2.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORETTI, Franco. **Atlas of the European novel. 1800-1900**. London – New York: Verso, 1998.
- NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, Dirce C. (org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 9-35.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- SARAMAGO, José. A história como ficção, a ficção como história. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 27, p. 9-27, 2000.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Trad. de Marcos Soares. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
- VELATI, Max. **O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro**: romance histórico sobre um estranho trio que se une para desvendar crimes no Brasil Império. São Paulo: Marco Polo/Contexto, 2020.

## NOTAS DE AUTORIA

**Vitor Fernando Perilo Vitoy** (vitorvitoy@pucgoias.edu.br, vitorvitoy@discente.ufg.br) possui Graduação em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2003), Pós-graduação Lato Sensu em Docência Superior pela Faculdade Lions (2005) e Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2012). Doutorado em andamento em Literatura pela Universidade Federal de Goiás. Professor efetivo licenciado do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista da CAPES.

### Agradecimentos

Agradecimento às professoras Renata Rocha Ribeiro e Valéria Cristina Bezerra pelas disciplinas ofertadas sobre narrativa histórica e contemporânea e ao meu orientador professor Wilson José Flores Júnior pelas sugestões e orientações diárias.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VITOY, Vitor Fernando Perilo. Relações intertextuais entre literatura e história no romance *O Filósofo, a Enfermeira e o Trapaceiro*, de Max Velati. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-18, 2024.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### Histórico

Recebido em: 04/08/2023

Revisões requeridas em: 22/11/2023

Aprovado em: 27/04/2024

Publicado em: 20/05/2024

